

DF. Educação

CORREIO BRAZILEIRO

09 MAR 1999

# Crianças da Estrutural sem escola

*Sem transporte, 115 alunos estão fora da sala de aula e passam o dia recolhendo lixo, trabalho que rende R\$ 0,50 por dia*

Karina Falcone  
Da equipe do **Correio**

**I**r à escola custa R\$ 1. O dinheiro que a família não tem, Douglas de Souza Dias, 7 anos, decidiu que conseguiria com o seu próprio trabalho. Ele esperou uma semana pelo ônibus que, ano passado, o levava da invasão da Estrutural para o Centro de Ensino 1, no Cruzeiro. A condução do governo não chegou. Com um carrinho de madeira, ele passou a manhã despejando o lixo dos vizinhos no depósito da invasão. Andou seis quadras três vezes. No final, o trabalho só rendeu 0,50 centavos. E um dia a menos de aula.

Para 115 crianças da Estrutural o ano ainda não começou. Sem transporte coletivo ou condução própria, meninos e meninas vestem os uniformes, preparam as mochilas, mas não conseguem chegar às salas de aula. Falta dinheiro para pagar o ônibus alugado pela Associação Pró-criação da Vila Operária da Baixa Estrutural (Aproviles), enquanto a Secretaria de Educação não coloca na sua rota as crianças da maior invasão do Distrito Federal.

Esse é o segundo ano de Douglas na escola. Os quase dois meses de férias duraram uma eternidade e Tereza Cristina de Souza Dias, mãe do menino, tinha que lhe dizer todos os dias quantos dias ainda faltavam para começar as aulas. Quando os colégios deveriam estar recebendo todos os alunos da rede pública do DF, na segunda-feira passada, Douglas voltou para casa chorando. "Eu sinto falta das tarefas e das lições. Acho que a escola é um lugar sério", disse.

A responsabilidade do menino de 7 anos, que cata lixo para não perder aula, faz falta em alguns órgãos públicos. Para os lugares que não têm escola, está determinado por lei que os governos locais devem oferecer transporte até os colégios mais próximos.

Na Estrutural falta quase tudo. A baixa renda dos moradores e a ilegalidade da ocupação, afastam as linhas de ônibus e outros serviços. Mesmo que fosse fácil conseguir um coletivo até o Cruzeiro, a maioria dos pais não teria condições de pagar as passagens para levar as crianças até os colégios.

## PROCURA

Na primeira semana de aula, as mães tentaram levar os filhos à escola. Quando os ônibus começavam a se aproximar da Aproviles, na entrada da Estrutural, procuravam os que teriam o Centro de Ensino 1, no Cruzeiro, como destino. Dos 19 transportes escolares, entretanto, todos vão para as escolas do Guará.

A associação dos moradores mandou ofícios para o Transporte Coletivo de Brasília (TCB), para a Fundação Educacional e Secretaria de Educação. Só ontem um dos líderes da comunidade, Orisson Leite Ramalho, conseguiu uma explicação para a falta de ônibus na Estrutural. Para ele, a Fundação justificou que, a princípio, todos os alunos da invasão iriam estudar no Guará. Mas, por falta de vagas, alguns teriam continuado no Cruzeiro e a Fundação só descobriu isso na segunda semana de aula, e não tinha providenciado o ônibus.

"Deram a justificativa desse jeito mesmo. E nem marcaram o dia para mandar o transporte das crianças", contou Orisson. Na Secretaria de Educação, a assessoria explicou que já estava tentando resolver o "problema do ônibus", mas sem dia definido para a solução.

## MELHOR LUGAR

Esse é o primeiro ano que Francicleide Costa Alves, 7 anos, irá para a escola. Ela não tem idéia como é esse lugar que os colegas de rua falam. "Mas acho que o melhor para mim está lá", diz a menina. Ildeni Costa Alves, 36 anos, tem mais quatro filhos, além de Francicleide. Desses, três estão matriculados no Guará e o outro ainda não está em idade escolar.

Todo dia, Francicleide vê os seus irmãos arrumarem as mochilas e pegar o caminho da escola. Na sua rua, pelo menos outras cinco crianças fazem companhia a menina, sem conseguir chegar à escola.

Ildeni é dona de casa e o marido trabalha como jardineiro. No final do mês, o orçamento da família é de R\$ 120. Os R\$ 30 que seriam necessários para pagar a condução de Francicleide até a escola, diz Ildeni, iriam diminuir a cota do feijão. "Eu acho colégio uma coisa importante, mas as crianças têm que comer", lamenta.

Fotos: Raimundo Paccó



*Douglas Dias teve dois meses de férias e não gosta de ficar sem aula; trabalhou mas não conseguiu juntar dinheiro para pagar o ônibus e ficou em casa*

# Obras impedem aulas no Recanto das Emas



*William Dourado foi um dos 500 alunos que estiveram no colégio, mas não puderam entrar*

tanto, as aulas vão começar na quinta-feira.

Marialva Messias Dourado, 45

anos, mora no Distrito Federal desde 1974. Ano passado, ela conseguiu um lote e deixou a casa em Taguatinga, onde pagava aluguel, para construir a sua própria no Recanto das Emas. Com a mudança, o filho mais novo, William Messias Dourado, 13 anos, foi transferido de escola.

Conseguir uma vaga na escola da 802/4, ao lado da casa da família, foi um alívio. Não precisariam pagar passagem de ônibus

e William iria para a aula com mais segurança. Uma semana de atraso no início do ano letivo e aluno da 7ª série já desconfia dessas vantagens. "Estou sendo prejudicado. Todo mundo já tem aula, menos eu. Na hora das provas, vou perceber os problemas", lamenta o menino.

Rosa Anita Santos, 37 anos, é outra moradora do Recanto das Emas que faz reclamações à Fundação Educacional. Morando ao lado da quadra 802, ela precisa andar mais de vinte minutos para deixar os seus três filhos na escola, na quadra 111. "Não entendo porque eles não organizam essas vagas das escolas de forma mais conveniente", critica.